

As bases epistemológicas de Freud

Thiago Rodrigo Brunassi, Eder Soares Santos

Resumo

Como caracterizar a ciência natural? A psicanálise é uma ciência natural? Seria o complexo de Édipo uma lei? Buscamos responder estas perguntas fazendo a diferenciação do que viria a ser *causas* e *razões* no âmbito científico. Ambos os conceitos delimitam o estatuto *científico* da ciência Física diferindo-o daquele referente à psicanálise. Mas estaria Freud deixando de seguir uma *epistemologia* científica? São dois os filósofos que nos ajudarão a responder esta pergunta: Kant e Ernest Mach. Veremos qual é modo de Freud conceituar a sua metapsicologia, e concluiremos, inclusive, proximidades da conceituação freudiana com aquela desenvolvida por Newton.

Palavras-chave: Ciência, física, psicanálise.

Abstract

How to characterize a natural science? Is psychoanalysis a natural science? Was the Oedipus complex a law? We seek answering questions by making a differentiation of the *causes* and *reasons* in the scientific sphere. Both concepts delimit the *scientific* status of Physical science differing it in that referring to the psychoanalysis. But is Freud absent from following a scientific *epistemology*? There are two philosophers who help us to answer this question: Kant and Ernest Mach. We shall see which is Freud's conceptualization of his metapsychology, and we will conclude, including, some similarities from freudian conceptualization with that developed by Newton.

Keywords: Science, physics, psychoanalysis.

A psicanálise não é uma ciência natural, pois ela não possui tal estatuto. O que queremos significar com isso é que, quando pensa-se em uma ciência, tem-se, em geral, por modelo ideal o da Física. Portanto, pensa-se em uma disciplina que, enquanto ciência, é capaz de dar provas e realizar demonstrações das suas descobertas, sendo estas preditivas e reproduzíveis. Uma ciência pensada dessa forma tem seus fundamentos baseados em leis e causas, o que permite que os experimentos tenham resultados determinados, assim como uma certa garantia de preditibilidade¹.

Quando lidamos com psicologia e psicanálise, encontramos-nos no limiar entre uma aparente cientificidade e uma realidade encoberta por uma linguagem científica inconsistente. Isso porque ambas as disciplinas (psicologia e psicanálise) tentam se comportar como se fossem uma ciência, adotando como modelo, a Física.

Quando lidamos com psicologia e psicanálise, encontramos-nos no limiar entre uma aparente cientificidade e uma realidade encoberta por uma linguagem científica inconsistente. Isso porque ambas as disciplinas (psicologia e psicanálise) tentam se comportar como se fossem uma ciência, adotando como modelo, a Física.

Quando estudamos Psicologia, talvez sintamos que há algo de insatisfatório, uma certa dificuldade no concernente a toda a matéria ou estudo - porque tomamos a Física como nossa ciência ideal.²

Ou suponhamos que queiramos falar da causalidade no processo das sensações. “O determinismo se aplica à mente com tanta exatidão quanto às coisas físicas”. Tal afirmativa é obscura, porque quando pensamos em leis causais em Física, pensamos em experimentos. Não temos nada que se assemelhe a isso no tocante a sensações e motivação. E, no entanto, os psicólogos, desejam dizer: “Deve haver uma lei”, muito embora lei alguma tenha sido encontrada.³

¹ Obviamente, a partir da perspectiva de Popper, essa garantia só existe enquanto não for falseada. Cf. Popper, K. *A lógica da descoberta científica*. São Paulo: Cultrix, 2013.

² Wittgenstein, L. *Conversações sobre Freud. Estética, Psicologia e Religião*. São Paulo: Cultrix, 1970, p. 74.

³ *ibid.*, p. 75.

É essa insistência por parte dos psicólogos que, parece-nos, levou Freud a se comportar da mesma maneira, levando-o a procurar leis, causas e regras que explicassem o funcionamento da mente humana, entendendo-a como um mecanismo capaz de ser compreendido em suas diferentes instâncias psíquicas, e oferecendo dados empíricos que possibilitassem suas "conclusões científicas". Essa pretensão à cientificidade encontra-se, não só literalmente expressa em suas obras, mas também no modo como durante um bom tempo construiu suas teorias; algo que já está muito bem demarcado em uma de suas primeiras tentativas de construir tal ciência.

A intenção é prover uma psicologia que seja ciência natural [*Naturwissenschaft*], isto é, representar os processos psíquicos como estudos quantitativamente determinados de partículas materiais especificáveis, tornando assim esses processos claros e livres de contradição.⁴

Para ilustrarmos melhor nossas afirmações, poderíamos tomar a questão da universalidade do complexo de Édipo. Levando em conta algumas considerações epistemológicas, revelar-se-nos-á ser incongruente considerar tal universalidade.

O complexo de Édipo só poderia ser considerado como universal se representasse uma lei, sendo aqui lei entendida como princípio fundamental da ciência natural que, assim como o conceito de causa, deve determinar uma constância possível de ser observada entre fenômenos ou comportamentos, assim como deve ser preditiva. Logo, não sendo esse complexo uma lei, ele está preso a uma teleologia que nos leva a pensar em ações humanas explicadas pela razão. Não se deve crer que essa resposta seja simplesmente formulada por negação ou exclusão em relação à primeira questão. Deve-se notar, sim, que a própria obra freudiana nos oferece condições para observar essa incongruência entre alguns conceitos, como o das pulsões em *Além do Princípio de Prazer*.

Torna-se necessário, também, tentar esclarecer, antes de investigarmos as afirmações de Freud em relação à universalidade do complexo de Édipo, o que se entende por lei, causa, razão e regras. Pois, estas distinções, principalmente no tocante à causa e razão, serão importantes no momento em que ensaiarmos explicar que a psicanálise não possui o estatuto de uma ciência, por estar fundamentada sobre razões e não sobre causas.

⁴ Freud, S. Projeto para uma Psicologia Científica. Ed. Standard Brasileira, Vol. I, p. 347.

Entendemos “lei” como relações constantes entre fenômenos, com características universais e necessárias que, por isso mesmo, não são circunstanciais. São regularidades observadas em um fenômeno que nos permitem que sejam sintetizadas, podendo, a partir de certos fatores e de certas condições dadas, predizer o que acontecerá diante das mesmas condições no futuro. Isto significa que as leis “fornecem a ligação que permite explicar pelas circunstâncias particulares a ocorrência de um acontecimento dado. Em outros termos, significa que, quando e onde se esteja, se as condições de determinado elemento F são reunidas, então da mesma maneira, sempre e sem exceção, as condições de um outro elemento G serão igualmente reunidas”⁵

Utilizaremos de algumas das distinções realizadas, com respeito aos conceitos de causa e razão, por L. Beck (1975) em seu livro intitulado *The Actor and the Spectator: Foundations of the Theory of Human Action*. Vejamos o que, segundo Beck, os filósofos consideram como causa e razão.

(...) recentemente os filósofos preferem usar causa para dar explicações de mudanças em objetos físicos, incluindo eventos comportamentais em corpos vivos; e usam razões para explicações das ações das pessoas (...)^{6* 7}

Diz-se que um evento é causa de um outro quando é possível identificá-lo e explicá-lo, independentemente de sua identificação com um outro evento ou estado; e, ainda, da independência do conhecimento de que o primeiro evento ou estado é causa do segundo. A predictibilidade não chega a ser uma certeza, sendo, portanto, probabilidade. No entanto, ela é condição de necessidade para toda explicação que se diz científica. (cf. Beck, L. W., 1975, p. 74)

Todas as explanações científicas que explicam tipos específicos de eventos, recorrendo a uma lei causal ou funcional da natureza, vão ao encontro dessas condições, e é, no mínimo, esperado que todo evento singular que é explicado causalmente seja assumido como uma lei universal que o abrigue.⁸

Apesar das ações humanas ou das razões dessas ações poderem ser presumíveis, elas não estão sob o escopo de uma lei. O que vai diferenciar causa de razão é o ponto de vista assumido por cada espectador na descrição de um evento, ou seja: se o

⁵ Hempel, C. G. *Éléments d'épistémologie*. Trad. Bertrand Saint-Sernin. Paris V: Armand Colin, 1972.

^{6*} As traduções que se seguem serão de nossa responsabilidade.

⁷ Beck, L. W. *The Actor and the Spectator: Foundations of the Theory of Human Action*. Thoemmes Press, Virginia - USA, 1998, p. 72.

⁸ *ibid.*, p. 74.

espectador relata o evento a partir de conhecimentos e treinamento científicos específicos para fazer sua descrição, ou se ele justifica o evento a partir de seu conhecimento e aprendizado humano. A distinção entre um conceito e o outro leva à evidência de que nas explicações causais, há uma independência reconhecível entre os eventos imediatos ou futuros, enquanto que, ao contrário, para as explicações pela razão, esta dependência é necessária para dar conta das ações humanas.

Subjacente à razão pela qual alguém fez ou deixou de fazer algo encontram-se desejos, inclinações, impulsos, aspirações etc., inteligíveis para um espectador que imputa ao agente explicações de suas ações que ele, enquanto espectador, é capaz de compreender como ações humanas inteligíveis e significativas.

Ambos os conceitos, o de causa e o de razão, estão determinados por regras, as quais nos permitem reconhecer uma causa como sendo causa e uma razão como sendo uma razão. A causa é reconhecida enquanto tal, na medida em que as regras nos fazem ver que o evento satisfaz propriedades formais de causas e as razões, quando observadas, são reconhecidas como um critério de seleção dos motivos que levam a uma ação que nos tornam clara sua compreensão (Beck, 1975, p. 95).

Acerca das regras, podemos dizer que são gerais, pois correspondem a conceitos gerais, que podem ser quebrados ou seguidos. Essas regras podem ser também apropriadas ou inapropriadas, legítimas ou ilegítimas, mas não falsas ou verdadeiras. Elas são universais na medida em que podem ser conhecidas exatamente do mesmo modo por muitas pessoas, mesmo que aplicadas para algumas coisas de uma maneira e, para outras, de maneiras diferentes (Beck, 1975, p. 96).

Esclarecido esses conceitos, voltemos ao caso da psicanálise. O problema da cientificidade da psicanálise também interessou a Ludwig Wittgenstein. Utilizaremos, aqui, dos comentários desse filósofo e de seus discípulos, apenas como uma outra possibilidade de crítica ao estatuto científico da psicanálise a partir dos conceitos de causa e razão.

Ora, é no seu intento de dar à psicanálise um *status* científico que Freud, intencionalmente ou não, acabou considerando as razões para a constituição das doenças psiconeuróticas como causas, podendo, assim, universalizar alguns de seus conceitos.

Compreendemos que eles repousariam sobre um tipo de gramaticalização da experiência, isto é, um curto-circuito entre a

experiência e a “regra” – Freud falando de regras e acreditando e dizendo que fala de “causa”.⁹

Assoun acrescenta ainda:

Wittgenstein contesta em Freud um “causalismo”, uma tendência a querer encontrar a “lei” que ordena os fenômenos (psíquicos), segundo “um tipo de explicação” comum, generalizador de uma explicação unitária.¹⁰

Assim, o que Freud parece fazer é encontrar uma série de casos clínicos exemplares, reuni-los sobre um mesmo referencial e concluir, a partir daí, universalidades. Recorremos, novamente, a Wittgenstein, através dos comentários de Assoun, para confirmar nosso ponto de vista:

O que Wittgenstein admite é que se ‘vê’ hoje elementos e relações que, antes de Freud não estavam na ordem do dia, ao alcance do olhar. Isto procede do fato de Freud ter conseguido ordenar uma ‘massa’ de fatos, e o que é mais impressionante, no caso de Freud, é a ‘enorme quantidade de fatos psíquicos que ele ordena’. É, realmente, admirável e dá legitimamente essa ‘impressão’, porém, precisa-se compreender, isto não implica que ele encontrou a causa universal desses fatos, ele só fez torná-los mais ‘evidentes’.¹¹

O que Freud faz, segundo Wittgenstein, é usar uma linguagem ambígua. Linguagem essa, afirma Bouveresse, que por fazer uso de conceitos derivados de questões da dinâmica e da energética, dão a impressão de oferecer explicação causal para um problema quando, na verdade, do que mais ela se aproxima é de uma explicação estética.

O vocabulário utilizado por Freud, com seus empréstimos significativos à linguagem da dinâmica, da energética, etc., pode dar a impressão de que se está em busca de uma explicação causal, quando se trata, em realidade, de alguma coisa que se aproxima muito mais de uma explicação estética [...].¹²

Utilizando-se das observações de Wittgenstein à psicanálise, Bouveresse nos indica que a explicação psicanalítica tem estas peculiaridades:¹³

⁹ Assoun, P. L., *Freud et Wittgenstein*. Paris: PUF - Philosophie d'aujourd'hui, 1988, p. 148.

¹⁰ *ibid.*, p. 151.

¹¹ *ibid.*, p. 152.

¹² Apud Assoun, *ibid.*, p. 190.

¹³ *ibid.*, p. 191.

1. Isto sobre o qual o doente pode eventualmente estar de acordo é a razão ou o motivo, e não com a causa de seu comportamento;
2. A "correção" da explicação é, por consequência, algo que não pode ser testado independentemente do fato de que se aceite a explicação, que ela seja capaz de persuadir;
3. A explicação tem, ao menos em certos casos, um efeito terapêutico: a explicação correta não é somente aquela que você reconhece, mas igualmente aquela a qual o reconhecimento pode te curar.

Os itens 2) e 3) desses apontamentos de Bouveresse ainda nos permitem destacar mais um motivo além desse da diferenciação entre causa e razão, deixando claro porque a psicanálise não é uma ciência. As teorias científicas, enquanto tal, não precisam persuadir ou serem aceitas por ninguém. Elas se fundamentam sobre leis e causas que qualquer cientista pode comprovar por si mesmo em seu laboratório, sem ter a necessidade de ser explicadas por outrem. Ao contrário, o que a psicanálise oferece é especulação, fundada em motivos e razões das ações humanas, dependendo de que outros, em se persuadindo, aceitem-na como uma explicação plausível.

Afirmamos que a psicanálise não pode ser ciência como a Física e, parece, que é nesse sentido que Skinner esperaria que a psicanálise de Freud se comportasse. A crítica empreendida pelo psicólogo behaviorista consta em seu artigo *Crítica dos conceitos e teorias psicanalíticas*¹⁴. Porém, deixou Freud de seguir uma epistemologia científica ao construir sua psicanálise?

Aparentemente, o que Skinner não conseguiu captar é que Freud construiu sua psicanálise com base na epistemologia especulativa de Kant e Ernst Mach. Mas como trazido por Fulgêncio¹⁵, podemos e devemos avaliar a psicanálise cientificamente. Para isso, pegaremos carona no sentido clássico do termo *epistemologia* e, tanto Kant quanto Ernst Mach, nos auxiliarão com esta avaliação.

Freud tem como fundamentação de sua formulação teórica, uma parte empírica, e uma outra parte especulativa. Essa última é a sua metapsicologia. Expressaremos na sequência como ambas as partes coadunam-se e qual foi a metodologia de Freud para o

¹⁴ Tradução de nossa autoria referente ao título original: *Critique of Psychoanalytic Concepts and Theories*. A referência completa do artigo está na bibliografia.

¹⁵ Fulgencio, L. (2003). As especulações metapsicológicas de Freud. in: *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, vol. 5. n. 1.

desenvolver de sua pesquisa. Estaria esse modo de proceder condizente com alguma concepção científica?

Freud era médico de formação, e nada mais natural que pretendesse para as suas pesquisas a inserção desta numa escola científica. O psicanalista teve por fundamento a própria experiência, mas, ao mesmo tempo, serviu-se de alguns termos descritivos e conceitos fundamentais, o que significou na caracterização da psicanálise a partir de um conjunto de princípios. (cf. Fulgencio, L., 2003, p.133)

Por termos descritivos, por exemplo, pode-se dizer: sonhos são realizações de desejos. Porém, ao buscarmos o modo *como* desejos insatisfeitos realizam-se por sonhos, entraríamos agora na metapsicologia, uma vez que outros conceitos não mais descritivos seriam necessários para explicá-lo.

Se “a psicanálise repousa solidamente sobre a observação dos fatos da vida da alma” e é “construída partir de um conjunto de fatos, lenta e sofridamente reunidos ao preço de um trabalho metódico”¹⁶, por tal reunião estaria Freud remetendo-se à parte fenomênica de sua formulação. Mas essa parte, relaciona-se ainda a uma outra, “que corresponde ao uso de um conjunto de conceitos auxiliares, que ajudam a relacionar e organizar os fatos na busca da resolução dos problemas”¹⁷. E é aqui que podemos reconhecer a necessidade do uso de *conceitos fundamentais* ou *auxiliares* para a relação pretendida entre os fatos.

Por exemplo, no problema referente às neuropsicoses de defesa, o psicanalista distingue “[...] algo (montante de afeto, soma de excitação) que tem todas as propriedades de uma quantidade – ainda que não haja meio algum de medi-la”¹⁸. O que foi chamado de *quantitativo* entra no domínio da especulação ou dos conceitos fundamentais. Esta especulação é algo pois que não tem referente empírico e também não pode ser medido, mas cumpre uma função importante, ou seja, possibilita relacionar e organizar os dados empíricos. Freud mesmo argumenta:

¹⁶ Freud apud Fulgencio, *ibid.*, p.135.

¹⁷ *ibid.*, p.135.

¹⁸ Freud apud Fulgencio, *ibid.*, p.136.

[...] me pareceu legítimo completar as teorias, que são expressão direta da experiência, por hipóteses que são apropriadas ao controle do material, e que se reportam aos fatos que podem se tornar objeto de observação imediata¹⁹.

O psicanalista reconhece nestes conceitos, recursos aproximativos e que não deveriam ser confundidos com o que se via nos fenômenos. Mas, embora sejam estes recursos, algo diferente dos próprios fatos, a função que cumprem de *relacionar e organizar* o que se observava, os tornam específicos para a solução de problemas. Vejamos pois como alguns conceitos e concepções foram sendo articulados frente aos fenômenos clínicos.

No momento em que Freud estava elaborando suas explicações teóricas duas concepções eram vigentes em seu meio, uma mecanicista e outra dinâmica. Assim, tomando como exemplo o fenômeno histérico, vê-se Charcot, Janet e mesmo Brauer justificarem os sintomas observados recorrendo-se a hipóteses fisiológicas. Hipóteses que afirmavam que o fenômeno observado tinha como causa uma lesão, uma inflamação ou mesmo a hereditariedade, resultando, pois, em um sujeito incapaz de integrar acontecimentos de grandes intensidades afetivas. Estas hipóteses enquadram-se em uma concepção mecânica.

No entanto, tal concepção não se mostrava suficiente para explicar o fato de sintomas que cessavam, ou mesmo surgiam, após pacientes serem hipnotizados por Charcot. Embora se supunha que a causa da incapacidade de integração do trauma era congênita, não se explicava ainda o processo psíquico que relacionava o trauma ao sintoma.

É o valor heurístico que define o conceito mais adequado à explicação de um fenômeno. Observa-se, então, na concepção mecânica, tal como utilizada por Charcot, Janet e Brauer, uma ineficiência em sua função heurística, justamente por não possibilitar a compreensão dos fenômenos resultantes da hipnose.

¹⁹ Freud apud Fulgencio, *ibid.*, p.137.

Por outro lado, há uma linha de pesquisa da qual fez parte Fechner, Helmholtz e Brücke. Para estes o ponto de vista mais adequado é o dinâmico, que “supõe a interação de forças em conflito como um quadro no qual as explicações são procuradas”²⁰.

O conceito de pulsão, que Freud fez reincidentes analogias às forças físico-químicas ao longo de sua obra, insere-se nesse contexto da concepção dinâmica. Um conceito de valor heurístico cuja função na psicanálise assemelha-se a função das *forças* de outras ciências naturais e que também não eram conceitos empíricos, mas construtos teóricos especulativos (Fulgêncio, 2003, p.142-143). Como afirma Fulgêncio,

As proposições teóricas ou conceitos especulativos concebidos como construções auxiliares para realizar pesquisas não são uma inovação de Freud. Ao contrário, bem antes dele, filósofos, cientistas e epistemólogos já haviam analisado esse tipo de método de pesquisa, considerando-o não apenas aplicável, mas necessário às ciências naturais²¹.

A especulação freudiana serviu-se também de outros pontos de vista. Embora a pulsão seja o fundamento do *constructo* freudiano, ele também recorreu ao entendimento feito do psiquismo por um *aparelho* figurado espacialmente, por onde circula uma energia psíquica de natureza sexual, a libido. Propondo então que se fale de uma metapsicologia em termos dinâmicos, tópicos e econômicos. (Freud *apud* Fulgêncio, 2003, p.144)

Deste modo, além do ponto de visto dinâmico, como já mencionado, devemos considerar o tópico, cuja relação é com a figuração do psiquismo, e, por fim, o econômico, que supõe uma energia psíquica. Energia que é avaliada segundo um fator quantitativo e que impulsiona as pulsões, de onde decorre os investimentos afetivos sobre os objetos de desejo (Fulgêncio, 2003, p.144).

Todos estes termos metapsicológicos apresentam um caráter provisório, isto é, “avança-se por suposições, faz-se construções auxiliares que são abandonadas se elas

²⁰ *ibid.*, p.140.

²¹ *ibid.*, p.146.

não se confirmam”²². É a postura de Freud frente a sua superestrutura especulativa (*spekulativer Überbau*), “[...] em que cada parte pode ser sacrificada ou trocada sem dano nem remorso, a partir do momento em que uma insuficiência é constatada”²³.

Embora o apreço de Freud seja aos mestres Fechner, Helmholtz, Brücke e Brentano, que também partilhavam de conceitos especulativos, daremos uma maior importância à Kant e Mach. Referências essas centrais e correspondentes com a atitude teórica de Freud, cujo o modo de se pesquisar naquela época estava já estabelecido, e por isso se tratando de uma influência que não pode ser negada (Fulgêncio, 2003, p.146-147).

Kant aponta o lugar onde devemos inserir a psicologia para reconhecê-la como uma ciência natural. Lugar que deveria ser o mesmo que aquele da física empírica, “isto é, do lado da filosofia aplicada, para a qual a filosofia pura contém os princípios *a priori* e com a qual, portanto, deve estar unida, mas não confundida”²⁴.

A psicologia empírica depende, pois, de conceitos e princípios *a priori*. E tal como a física, a partir destes, um conhecimento válido poderá ser produzido.

[...] a genuína ciência natural pressupõe uma metafísica da natureza. Esta deve, pois, conter sempre puros princípios, que não são empíricos (é por isso que leva o nome de metafísica)²⁵.

Após Kant ter analisado a arquitetura da nossa faculdade de conhecer, ele chega a três modos de articularmos o nosso conhecimento: a intuição ou a sensibilidade, o entendimento e a razão. Todos estes dependentes de princípios *a priori*, ou seja, o espaço e tempo, as categorias e as *ideias* (ou os conceitos puros da razão), respectivamente.

Logo, as ideias promovem, desde a razão, a sistematicidade para o entendimento. Um exemplo é o que compreendemos por *natureza como um todo*. “Sua

²² *ibid.*, p.145.

²³ Freud apud Fulgencio, *ibid.*, p.146.

²⁴ Kant apud Fulgencio, *ibid.*, p.147.

²⁵ Kant apud Fulgencio, *ibid.*, p.147.

função é designar um pressuposto para que as leis de determinação entre os fenômenos façam parte de um mesmo sistema”²⁶. Um conceito abstrato, portanto.

Para efeitos quaisquer, a razão visa buscar causas. Mas outras causas poderão sempre ser consideradas nessa busca. Kant então traz que a razão visa postular uma causa originária e incondicionada. Esta é um ente da razão e não advém da experiência sensível.

Mas Kant restringe em dois pontos de vista guia para se conceber as causas originárias: o mecânico e o dinâmico. Do ponto de vista mecânico ele chega ao átomo, uma unidade indivisível, e do ponto de vista dinâmico, ele chega às forças motrizes. “Tanto os átomos como as forças são conceitos puros (a priori) elaborados pela razão”²⁷.

Mas como podemos melhor escolher os pontos de vista guia? “Segundo Kant, trata-se de uma escolha que não pode estar baseada em fatos, mas tão-somente nos frutos que um ou outro pode trazer para a pesquisa empírica”²⁸. Logo, este critério de escolha é heurístico.

Da mesma forma, as pulsões foram reconhecidas por Freud como ideias abstratas, tais como as forças motrizes de Kant. Estas, porém, não são um conceito correspondente direto das forças motrizes kantianas, mas “obedece[m] ao mesmo tipo de necessidade metafísica que caracteriza as ciências naturais no programa de pesquisa kantiano”²⁹.

Ernst Mach,³⁰ figura dominante no que concerne à epistemologia da ciência do século XX, contemporâneo de Freud, é outra importante referência à lida epistemológico da psicanálise. Tal como trazido por autores como Assoun (1981) e

²⁶ *ibid.*, p.148.

²⁷ *ibid.*, p.151.

²⁸ *ibid.*, p.151.

²⁹ *ibid.*, p.152.

³⁰ Físico e filósofo que ao conceituar os recursos auxiliares ou também, as chamadas representações fantasias, exemplifica por Demócrito, que fez uso do átomo, e Newton, pela utilização de partículas de luz, um modo de fazer ciência.

Loparic (1985), esta referência se dá inclusive pela proximidade das posições epistemológicas de ambos. Em que sentido se dá esta proximidade?

Este físico e filósofo defende o uso de certas especulações como conceitos heurísticos. O objetivo último para a ciência, segundo Mach, é a descrição. Este será atingido a partir da procura de relações de determinações entre os fenômenos. E neste desenvolver da ciência, até esse fim desejado, o filósofo entende como necessário o uso de conceitos e modelos especulativos.

Na história da física, Mach³¹ identifica alguns conceitos que operaram como um tipo de mito: na física aristotélica, por exemplo, haveria os quatro elementos que constituiriam a natureza. Na física newtoniana, de modo semelhante, a própria suposição de forças impulsionadoras. A força seria, pois, apenas um nome para a “circunstância que tem o movimento por consequência”³². Mach afirma:

Nós podemos caracterizar com o nome de mitologia da natureza esta ciência do início, com seus elementos fantasistas [terra, fogo, ar e água]. Depois, a mitologia da natureza, animista e demoníaca, foi substituída, pouco a pouco, por uma mitologia das substâncias e das forças, uma mitologia mecânica e automática e, por fim, por uma mitologia dinâmica³³.

Freud também fez o uso da palavra mitologia para se referir às pulsões. Nas *Novas conferências introdutórias à psicanálise*, o psicanalista vienense chama a teoria das pulsões como a “nossa mitologia”³⁴.

Sobre a prática científica é pelo termo representações-fantasia (*Phantasie-Vorstellungen*) que Mach fala da função heurística de conceitos ou construções auxiliares para a pesquisa. Ao final de uma laboriosa pesquisa, visa-se tão somente a descrição direta dos fenômenos, resultando-se assim no descarte das representações que

³¹ Como trazido por Assoun (1981 e 1985), Mach também foi figura importante para Einstein. No que concerne à proximidade destes dois com Freud, há inclusive (Fulgêncio, 2000) a análise de um documento, de 1912, assinado por Mach, Einstein e Freud, entre outros, em prol da criação de uma Sociedade para a Filosofia Positivista.

³² Mach apud Fulgencio, *ibid.*, p.153.

³³ Mach apud Fulgencio, *ibid.*, p.153.

³⁴ Freud apud Fulgencio, *ibid.*, p.153.

a auxiliaram. O físico e filósofo exemplifica o uso das representações-fantasia feito por outras ciências:

Pensem nas partículas da luz de Newton, nos átomos de Demócrito e de Dalton, nas teorias dos químicos modernos... e, finalmente, nos modernos íons e elétrons. As múltiplas hipóteses físicas sobre a matéria, os turbilhões cartesianos e eulerianos, que reaparecem nas novas teorias eletromagnéticas de correntes e turbilhões, os sumidouros e as fontes que levam à quarta dimensão do espaço, as partículas ultramundanas que geram a gravitação etc. etc. poderiam ainda ser mencionados [...]³⁵.

É por Mach que podemos reconhecer nas estruturas especulativas freudiana a função heurística e ao mesmo tempo chamá-las de representações-fantasia. Freud parafraseia Mach ao reiterar uma linha de pesquisa para o trato da psicologia como uma ciência empírica tendo, ao mesmo tempo, Kant como sua referência filosófica inicial.

“Se perguntamos sobre as vias e os meios pelos quais isso [o domínio das pulsões] se produz, não é fácil fornecer uma resposta. Deve-se dizer: ‘É necessário que venha a feiticeira’. Entendam: a bruxa metapsicologia”³⁶.

Tanto Mach quanto Freud, compreendem alguns conceitos como mitológicos, e os situam em estruturas especulativas, denominando-os de representações-fantasia. Ambos, de modo semelhante, reconhecem nestes conceitos uma função auxiliar que, ao final de uma laboriosa pesquisa, tornar-se-iam descartáveis.

Freud, nesta posição diante de sua pesquisa, considerava primária a prática clínica frente às generalizações teóricas. O psicanalista desenvolveu seu método especulativo, tal como vimos, de modo a tomá-lo como um *andaim* usado em uma obra, e escreve: “A meu ver, é lícito darmos livre curso as nossas especulações, desde que preservemos a frieza de nosso juízo e não tomemos os andaimes pelo edifício” (Freud, 1901/1938, p.136).

A partir do que acima foi exposto, procuramos mostrar que, tal como entendido por estudos clássicos da epistemologia, adota-se para a ciência um ponto vista cujo o método de pesquisa é convencionalista (Nagel *apud* Fulgêncio, 2003, p.155). Este

³⁵ Mach *apud* Fulgencio, *ibid.*, p.154.

³⁶ Freud *apud* Fulgencio, *ibid.*, p.155.

método se aplica também ao proceder epistemológico freudiano. Freud fez uso de conceitos heurísticos, ou, tal como nomeado pela epistemologia clássica, fez uso de modelos com *valor operativos*, cuja a função destes era a de *orientação-guia* para a inteligibilidade dos fenômenos observados na prática de sua clínica.

Mesmo a psicanálise não sendo uma ciência natural, esta pôde, sim, desenvolver a sua epistemologia cujas as bases assemelham-se àquelas da ciência newtoniana.

Bibliografia

Assoun, P. L., *Freud et Wittgenstein*. Paris: PUF - Philosophie d'aujourd'hui, 1988.

Beck, L. W. *The Actor and the Spectator: Foundations of the Theory of Human Action*. Thoemmes Press, Virginia - USA, 1998.

Freud, S. Projeto para uma Psicologia Científica. *Ed. Standard Brasileira*, Vol. I. 1895.

Freud, S. A Interpretação dos Sonhos. *Edição Standard das Obras completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Imago Editora, vol. V. 1938.

Fulgencio, L. “As especulações metapsicológicas de Freud”. *Natureza Humana – Revista Internacional de Filosofia e Psicanálise*. São Paulo: EDUC, n.1, vol. 5. 2003.

Hempel, C. G. *Éléments d'épistémologie*. Trad. Bertrand Saint-Sernin. Paris V: Armand Colin, 1972.

Popper, K. *A lógica da descoberta científica*. São Paulo: Cultrix, 2013.

Skinner, B, F. “Critique of Psychoanalytic Concepts and Theories”. *Scientific Monthly*, n.79, p.300-305; Tradução: Marcos Rodrigues da Silva; Marina Pereira Figueiredo; Sarah Zuliani; 1954.

Wittgenstein, L. Conversações sobre Freud. *Estética, Psicologia e Religião*. São Paulo: Cultrix, 1970.